

AS REDES SOCIAIS E A FORMAÇÃO DE UM NOVO MODELO DE SOCIEDADE

Isis Nalba Albuquerque Cardoso¹

Resumo

O presente trabalho aborda a relação estabelecida entre as redes sociais virtuais e a formação de um novo modelo de sociedade aqui denominada sociedade pós-massiva. O tema considera o aspecto virtual das redes sociais, objeto de estudo desta pesquisa, o que se configura como uma das principais características da sociedade pós-massiva, o relacionamento de membros através de redes de computadores possibilitado pela internet. As redes serão analisadas limitando à área social da ciência, utilizando como forma o método hipotético-dedutivo, de natureza qualitativa. Este estudo se fundamenta nas pesquisas de André Telles, André Lemos, Pierre Lévy, Alain Touraine, entre outros, e, como já dito, nas redes sociais virtuais.

Palavras-chave: Redes sociais. Internet. Sociedade pós-massiva. Virtual. Tecnologia.

As redes sociais e a formação da sociedade pós-massiva

Este trabalho propõe ao leitor uma discussão acerca da relação entre as redes sociais no mundo virtual e a formação de um novo modelo de sociedade aqui denominada sociedade pós-massiva. Apesar de, no primeiro momento, a relação descrita acima não parecer intrínseca, ao longo do trabalho observa-se que existe entre estes dois eixos um elo onde se configuram características bastante específicas.

Para abordar as redes sociais no mundo virtual e, posteriormente, as características da sociedade pós-massiva é necessário iniciar a pesquisa com a definição do conceito de internet e sua relação com o virtual. A internet desenvolve-se no mundo virtual. Virtual parece aquilo que afirma e nega sua presença ao mesmo tempo. De acordo com Pierre Lévy:

A palavra virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência. Na filosofia escolástica é virtual o que existe em potência e não em ato. O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado, no entanto à concretização efetiva ou formal. A árvore está virtualmente presente na semente. Em termos

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação da Universidade Anhembi Morumbi. E-mail: isiscardoso@gmail.com.

rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real, mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes. (LÉVY, 1996, p.15).

Falar sobre a internet é tratar acerca do contexto mundial contemporâneo. Hoje, pode-se dizer que a internet é mais que apenas uma ferramenta de trabalho, pesquisa ou entretenimento, a internet é a nossa *conexão com o mundo*. O grifo na expressão leva-nos às possibilidades oferecidas por essa tecnologia da informação e comunicação, inclusive no que se refere ao fenômeno da globalização que, de certo modo, significa mundo conectado.

Países interligados, mercados entrelaçados, pessoas conectadas num mundo cada vez mais único, no próprio sentido da palavra, apesar das diferenças culturais em cada quadro social. Sarita Albagli e Helena Lastres acreditam que existe um problema de inconsistência no conceito de globalização, contudo estabelecem aquele que mais esclarece o fenômeno, segundo elas:

A globalização é aqui entendida não tanto pelo peso do comércio internacional na economia de cada nação, mas fundamentalmente como expressando o fato de que as economias nacionais agora funcionam efetivamente e em tempo real como unidades de um todo global. São dois os principais elementos catalisadores do processo de globalização no final do milênio[...]; e a ampla difusão das tecnologias de informação e comunicação, as quais proveram os meios técnicos que possibilitaram a ruptura radical na extensão e velocidade dos contatos e de trocas de informações possíveis entre diferentes atores individuais e coletivos. (LASTRES; ALBAGLI, 1999, p.12).

É preciso esclarecer que a internet não foi sempre bem conceituada. Antes da explosão do que chamamos contemporaneamente de internet comercial, por volta da década de 1990, comentava-se que a rede era um fenômeno passageiro ou ainda que não atingiria a população. Contudo é de conhecimento público o grande sucesso da internet em todo o mundo.

A rede mundial de computadores surgiu em plena Guerra Fria, em torno de 1960, Segundo Ricardo Daniel Fedeli a internet foi criada com objetivos militares como um *plano B* de comunicação, isto é, ela seria uma das formas das forças armadas norte-americanas de manter a comunicação em caso de ataques inimigos que destruíssem os meios convencionais de telecomunicações.

Nas décadas de 1970 e 1980 a internet passou a ser considerada como um valioso meio de comunicação acadêmico, mas da universidade para a população a internet levou mais de uma década, visto que foi somente por volta do ano de 1990 que as pessoas começaram a conhecer e descobrir as inúmeras possibilidades da rede mundial de computadores. Neste ano

“o engenheiro inglês Tim Bernes-Lee desenvolveu a world wide web, possibilitando a utilização de uma interface gráfica e a criação de sites mais dinâmicos e visualmente interessantes.” (FEDELI et. al, 2010, p. 202). A partir desse momento a internet não parou mais de expandir.

Com o avanço das telecomunicações e disseminação do uso da internet foi possível estabelecer maior rapidez na comunicação entre pessoas, empresas e países. A transmissão da informação instantânea, proporcionada por essas tecnologias, abriu inúmeras possibilidades de negócios e pesquisa. Já é possível saber, por exemplo, notícias do mundo inteiro em tempo real, tudo através da internet.

Se fizermos um paralelo com as estruturas das estradas de ferro, a internet funciona como uma ferrovia pela qual a informação contida em textos, som e imagem pode trafegar em alta velocidade entre qualquer computador conectado a essa rede. É por essa razão que a internet é muitas vezes chamada de supervia da informação. (FEDELI et. al, 2010, p. 201).

No que se refere ao Brasil, André Telles apresenta dados que podem comprovar o uso da internet no país. Segundo ele “o brasileiro é o povo que mais fica conectado à rede no mundo. No Brasil, 100% das classes AB tem fácil acesso à internet e 60% das classes CD tem acesso.” (TELLES, 2009, p.16).

Hoje, a internet representa um novo canal de comunicação. Por esse motivo, testemunhamos recentemente um crescimento surpreendente dos estudos a respeito da internet nas mais diversas áreas. De acordo com Juliano Spyer, cerca de 1/6 da população atual do planeta consulta e participa da criação de um acervo livre constituído por mais de meio trilhão de páginas de informação.

A internet possibilitou a ampla conexão com o mundo, como o próprio nome já esclarece, a rede mundial de computadores transformou o planeta em uma verdadeira teia de redes interconectadas, mas as redes sociais no mundo virtual pressupõem conceituação na segunda fase da internet, considerada uma evolução, na *Web 2.0*.

A expressão *Web 2.0* foi desenvolvida pelo editor *Tim O'Reilly* na *O'Reilly Media* no ano de 2003 para designar uma nova forma de comunicação existente no mundo virtual. Os usuários deixaram de ser apenas passivos, ou seja, de somente receber informações, para serem também ativos ou produtores de conteúdo. Agora os navegantes da internet poderiam compartilhar informações, fato que resultou em maior destaque para os usuários. Desse modo,

alguns dos objetivos da *Web 2.0* são a divulgação, expansão e compartilhamento de conteúdo *online*, além da maior e mais ampla comunicação entre usuários.

O conceito de rede social no mundo virtual foi desenvolvido, como descrito, atrelado à segunda fase da internet, isto é, ele é bastante recente, mas no mundo real ele é tão antigo quanto à humanidade.

Rede social no mundo real, como a própria expressão indica, é nada mais que o relacionamento entre membros de um sistema social, isto é, entre indivíduos de uma sociedade em diferentes dimensões e status. Nesse viés, os conceitos para rede social no mundo real ou no virtual são os mesmos, diferencia-se apenas a forma de conexão. De acordo com Park e Thelwall:

[...], uma rede social é composta de nós (pessoas, grupos, organizações ou outras formações sociais tais como países) conectados por meio de relacionamentos. Comparativamente, uma rede de comunicação é uma rede composta por “indivíduos interconectados ligados entre si por meio de padrões de fluxos de informação.” (PARK; THELWALL, 2008, p.194).

André Telles mostra que as redes sociais virtuais fazem parte de uma revolução intensa que, para ele, influenciam decisões, constroem ou destroem marcas e até mesmo elegem presidentes. Ainda de acordo com o autor, 85% das pessoas que usam a internet participam de alguma rede social, sendo o Brasil o segundo país em usuários no YouTube, Gmail e Twitter e o primeiro no ranking de inscritos na rede social Orkut. Os dispositivos móveis, segundo ele, também são bastante usados para acessar as redes sociais, mais de 200 milhões de pessoas acessam o Facebook por meio de smartphones ou tablets. Os números ajudam a comprovar o uso e, por que não dizer, o avanço dessa forma de comunicação na sociedade atual.

[...] redes sociais são ambientes cujo foco é reunir pessoas, os chamados membros, que, uma vez inscritos, podem expor seu perfil com dados como fotos pessoais, textos, mensagens e vídeos [...] são sites na internet construídos para permitir a criação colaborativa de conteúdo, a interação social e o compartilhamento de informações em diversos formatos. (TELLES, 2011, p.17-19).

Danah Boyd e Nicole Ellison definem redes sociais virtuais como serviços alicerçados na web que permitem que as pessoas construam um perfil público dentro de um sistema ainda limitado, articulem uma lista de outros usuários com quem eles compartilham uma conexão e percorram além da sua lista de conexões as feitas por outros dentro do mesmo sistema. Em

seu artigo *Social Network Sites: Definition, History and Scholarship*, as autoras mostram que a era das redes sociais virtuais começou em 1997 com o SixDegrees que permitia aos usuários criar perfis, listar os seus amigos e, a partir de 1998, a navegar nas listas dos amigos.

O SixDegrees se promoveu como uma ferramenta para ajudar as pessoas a se conectar e enviar mensagens umas para as outras. Enquanto o SixDegrees atraiu milhões de usuários, ele falhou por se tornar um negócio sustentável e, em 2000, o serviço foi encerrado. [...] De 1997 a 2001, uma série de ferramentas comunitárias começaram a suportar várias combinações de perfis e publicações articuladas de amigos. AsianAvenue, BlackPlanet, and MiGente permitia que os usuários criassem perfis pessoais, profissionais ou amorosos – os usuários poderiam identificar amigos em seus perfis pessoais sem buscar aprovação para essas conexões [...]. Da mesma forma, logo após o seu lançamento em 1999, o LiveJournal listou conexões unidirecionais nas páginas de usuários. (BOYD; ELLISON, 2007, p.214, tradução nossa)².

Diante da afirmação das autoras é necessário expor que, um ano antes, em 1996, o ICQ (feito com base na pronúncia do inglês I Seek You) foi um dos primeiros a permitir a troca de mensagens instantâneas através da internet. Criado por Yair Goldfinger, Arik Vardi, Sefi Vigiser e Amnon Amir, tinha o objetivo de expandir um novo modelo de comunicação por meio da web.

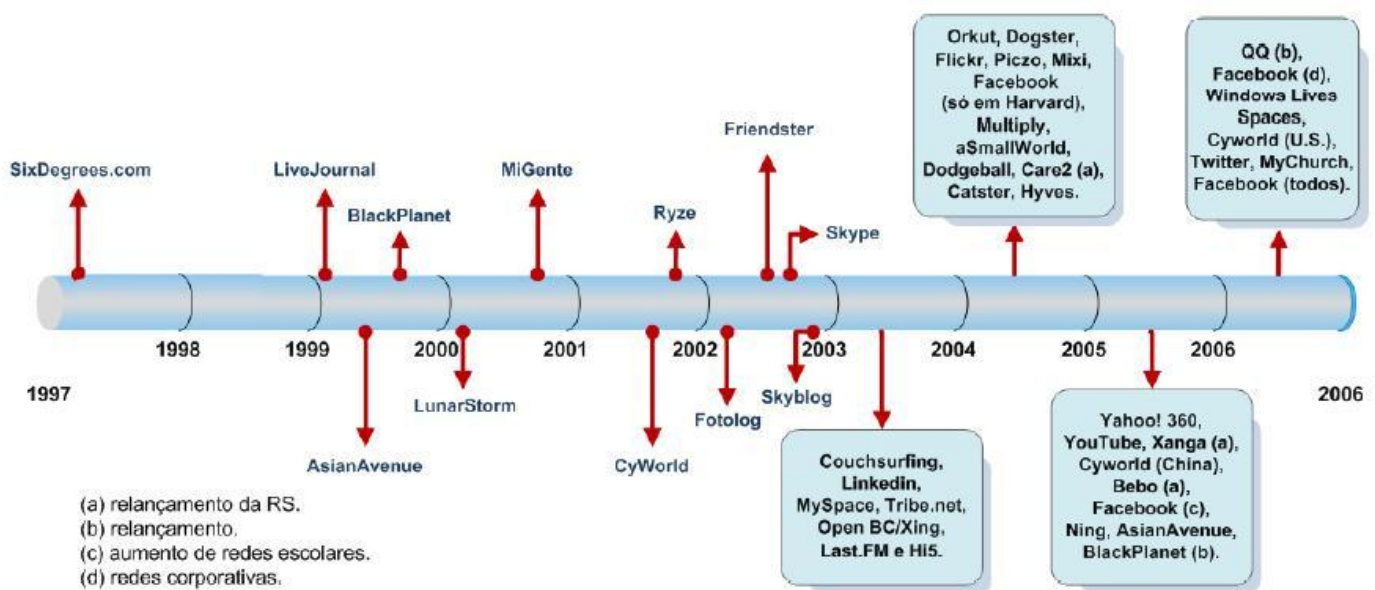
Embora a partir de 2000 tenham surgido vários serviços de redes sociais, o que mais se assemelhava ao mundo das redes como as conhecemos atualmente era o Friendster. Este serviço foi lançado em 2002, por Jonathan Abrams, e em pouquíssimo tempo caiu na graça dos americanos. Fato, que por incrível que pareça, resultou também em seu posterior decréscimo.

² SixDegrees promoted itself as a tool to help people connect with and send messages to others. While SixDegrees attracted millions of users, it failed to become a sustainable business and, in 2000, the service closed. [...] From 1997 to 2001, a number of community tools began supporting various combinations of profiles and publicly articulated Friends. AsianAvenue, BlackPlanet, and MiGente allowed users to create personal, professional, and dating profiles—users could identify Friends on their personal profiles without seeking approval for those connections [...]. Likewise, shortly after its launch in 1999, LiveJournal listed one-directional connections on user pages. (BOYD; ELLISON, 2007, p.214).

As redes sociais, assim como as conhecemos hoje, iniciaram suas atividades em 2003. Naquele ano surgiram vários serviços, entre eles o MySpace, que em pouco tempo viria a ser o herdeiro dos milhões de usuários do Friendster.

André Telles mostra que a disseminação das redes sociais no Brasil se deu a partir do Orkut (por volta de 2004), que foi a primeira grande rede a se desenvolver e se popularizar no país. Hoje muitos usuários migraram para o Facebook, mas o Orkut ainda tem seu público. Além do Orkut e do Facebook, o Twitter, Flickr, MySpace, LinkedIn, YouTube entre outras, também se caracterizam como redes sociais virtuais, cada uma com sua especificidade.

Na figura abaixo (FIG. 01) observa-se o caminho percorrido pelas redes sociais ao longo do tempo e, a partir de 2004, um aumento significativo do número de redes sociais em



atividade.

Figura 1. Gráfico de lançamento das redes sociais.

Fonte: (GASPAR, 2011, p.06).

Boyd e Ellison explicam que a ascensão das redes sociais virtuais indica uma mudança na organização das comunidades *online*, isto é, enquanto sites dedicados a comunidades de interesses ainda existem e prosperam, os sites de redes sociais são organizados em torno de pessoas, e não interesses. Para elas, as redes sociais virtuais estão estruturadas como redes pessoais, com o indivíduo no centro de sua própria comunidade. A introdução das características dessas redes revelou um novo quadro para as comunidades on-line e, com ele, um novo contexto de pesquisa e modo de viver.

Nesse contexto surge a geração digital que nada mais é do que a nossa geração. Exatamente esta na qual vivemos contemporaneamente. Essa geração é a que dirige e ao mesmo tempo envia mensagens SMS (Short Message Service) ou usa o celular ou

smartphone. É a sociedade que assiste televisão enquanto usa o computador ou o tablet. Telles (2009) define geração digital como “usuária de celulares com internet, games, câmeras fotográficas e de vídeo, rádio, envio e recebimento de e-mails, TV, comunicadores instantâneos e músicas mp3.” (TELLES, 2009, p.15).

Essa geração se relaciona pelo Facebook, opina nos blogs, conversa em chats e encaminha documentos ou simples mensagens por e-mail. Assim nota-se que mudaram as formas de relacionamento, comunicação, entretenimento, enfim, mudou-se a forma de viver, mudou a sociedade.

A geração digital deixou de ser simples receptora da comunicação para se tornar retransmissora e formadora de conteúdo e as redes sociais exercem grande influência nesse contexto, na formação dessa nova sociedade.

Em uma entrevista concedida à Folha de São Paulo, o estudioso Don Tapscott explica os jovens e a geração digital como aquela em que a tecnologia é uma realidade.

Eu os chamo de Geração Net. Sua chegada está causando um salto geracional -- eles estão superando os pais na corrida pela informação. Pela primeira vez, os jovens, e não seus pais são as autoridades numa inovação central da sociedade. Essa geração está tomando os locais de trabalho, o mercado e cada nicho da sociedade, no mundo todo. Está trazendo sua força demográfica, seus conhecimentos de mídia, seu poder de compra, seus novos modelos de colaboração e de paternidade, empreendedorismo e poder político. Eles são "multitarefeiros", realizam várias atividades ao mesmo tempo. Para eles, e-mail é antiguidade. Eles usam telefone para mandar textos, navegar na internet, achar o caminho, tirar fotos e fazer vídeo -e colaborar. Eles entram no Facebook sempre que podem, inclusive no trabalho. Mensagem instantânea e Skype estão sempre abertos, como pano de fundo de seus computadores. (DON TAPSCOTT por DÁVILA, 2009, Folha de São Paulo).

A sociedade pós-massiva é identificada por alguns estudiosos como a sociedade da geração digital, do mundo virtual. Segundo Lemos (2007) deve-se reconhecer a instauração de uma dinâmica que faz com que o espaço e as práticas sociais sejam reconfiguradas com a emergência das novas tecnologias de comunicações e das redes telemáticas.

Hoje, as tecnologias sem fio estão transformando as relações entre pessoas, espaços urbanos, criando novas formas de mobilidade. [...] Nas cidades contemporâneas, os tradicionais espaços estão, pouco a pouco, se transformando em ambiente generalizado de acesso e controle da informação por redes telemáticas sem fio, criando zonas de conexão permanente, ubíquas, os territórios informacionais. Na atual fase da mobilidade e das redes sem fio, estamos imersos no que alguns autores identificam como uma nova relação com o tempo, com o espaço e com os diversos territórios. (LEMOS, 2007, p.03-04).

Para que o conceito de pós-massivo possa ser usado atrelado a esse novo modelo de sociedade é necessário esclarecer o conceito de massa. De acordo do Denis McQuail, “embora o conceito de ‘sociedade de massa’ só tenha sido desenvolvido depois da Segunda Guerra Mundial, as ideias essenciais estavam em circulação antes do final do século XIX (MCQUAIL, 2003, p.59).

Adorno e Horkheimer abordam a sociedade de massa por meio da sociedade americana da década de 1930. Os estudiosos se basearam na cultura daquele povo para denominar o que seria massa, dominada pelos meios de comunicação de massa. Sociedade de massa designa uma sociedade marcada pela produção de bens de consumo em grande escala, concentração industrial, expansão dos meios de comunicação de massa, consumismo e conformismo social. De acordo com Silvia Borelli tudo o que padroniza diferenças pode ser considerado massivo.

Pode-se dizer que a sociedade pós-massiva ainda possui em seu eixo elo com a sociedade de massa. Cito Alain Touraine, relevadas as diferenças e contexto, quando ele afirma que a passagem de uma sociedade para outra não necessariamente significa a morte da primeira e o nascimento da segunda, apenas uma mudança importante de etapa.

Aqui se busca expor algumas das características específicas desse novo modelo, a sociedade pós-massiva. Nesse aspecto cita-se a mobilidade e interatividade que são quesitos quase que primordiais, visto que, como dito anteriormente, a geração fala ao celular ao mesmo tempo em que dirige um automóvel, por exemplo.

Assim entende-se mobilidade como a possibilidade de levar conosco a nossa central de comunicação e interatividade como a possibilidade do usuário participar e agir sobre o conteúdo. É necessário salientar que tais definições podem variar de acordo com o contexto, contudo na sociedade da informação a mobilidade caminha de mãos dadas com a interatividade.

O computador, por exemplo, é interativo, mas a mobilidade veio com o laptop. O celular, por sua vez, pode ser definido como o símbolo da mobilidade. Televisões portáteis, GPS, MP3 players e videogames são exemplos de equipamentos que surgem priorizando a mobilidade e a interatividade.

Diante de tanta mobilidade e interatividade (com equipamentos eletrônicos), o contato entre as pessoas diminui. Anteriormente o indivíduo necessitava encontrar alguém para realizar uma tarefa ou uma ação. Hoje, a geração digital pressupõe uma alteração no conceito de espaço e tempo. Não é mais viável realizar uma atividade por meio de um encontro real, se a mesma ação pode ser efetivada através de um contato virtual, por telefone ou nas redes sociais.

No ambiente de trabalho é mais confortável enviar um e-mail, onde é possível elaborar o que se pretende dizer, do que falar pessoalmente. Até mesmo a vida amorosa está diferente, individualizada, quando o homem conhece a mulher pelo Orkut, conversa pelo Google Talk e manda mensagens de amor pelo Facebook.

São pequenas atitudes que, juntas, atrapalham, de certo modo, o convívio entre os indivíduos, gerando uma ultra-individualização e, o pior, com sensação de contato social. Tal característica gera uma valorização excessiva do virtual, já que é pelo mundo virtual a principal forma de comunicação e de viver a sociedade.

A tecnologia se interpõe entre o homem e a natureza de modo a provocar certa dependência da tecnologia para uma continuação da vida. Hoje, ao viajar, não é mais necessário pedir informação, basta usar o GPS. Pode-se, inclusive, conhecer um espaço, uma cidade ou um lugar específico, apenas por imagens ou câmeras instaladas as quais somos capazes de acessar e ver, em tempo real, o que se passa naquele lugar. Pode-se conhecer vários países sem nunca ter estado neles fisicamente. O mundo virtual se confunde ou representa o mundo real.

A virtualização está substituindo a presentificação. O mundo passa a ser definido por meio de experiências com a tecnologia. Alguns autores abordam o anonimato e a ausência de alusão física como características do pós-massivo, juntamente com o perigo e a dificuldade de se estabelecer relações de confiança e formas midiáticas online. (LEMOS; CUNHA, 2003).

Proponho imaginar, nos dias atuais, uma sociedade sem internet, redes sociais ou mundo virtual. Sem essa tecnologia, não teríamos as informações e a comunicação na velocidade e no modelo que dispomos hoje. É clara a manifestação de características, de certo modo ou para alguns, negativas nesse novo contexto social, todavia pode-se dizer que as tecnologias possibilitam um maior acesso a informação, disseminando de forma amplificada a cultura humana.

A internet configurada como Web 2.0, as novas formas e ferramentas para se comunicar criam novas formas de relacionamento social de pessoa para pessoa e com o mundo. É preciso lembrar que a tecnologia da informação e comunicação não aborta as formas aqui ditas convencionais de comunicação, mas faz surgir novas relações (LEMOS; CUNHA, 2003).

O conhecimento está personalizado ou personificado, já que com maior volume de informação é necessário a escolha do usuário sobre qual a melhor informação a acolher ou aquela que mais interessa. O conceito de amizade se estendeu. Hoje as crianças não possuem apenas amigos na escola ou na vizinhança, os amigos estão na internet, nas comunidades virtuais, nos fóruns, nas redes sociais virtuais. A interação ficou facilitada, as informações e experiências podem ser facilmente compartilhadas.

Telles (2011) afirma que:

De tempos em tempos a humanidade se vê diante de desafios para migrar sua herança cultural e sua produção de conhecimento, cada vez mais complexa, para novas bases e suportes tecnológicos da inteligência, que desenvolvemos em determinados momentos históricos de nossa caminhada civilizatória. Algumas tecnologias da inteligência causam impacto profundo e alteram significativamente o modo como produzimos e tratamos as informações e nossas diversas representações no mundo físico e social, este é o caso das mídias sociais. (TELLES, 2011, p.08).

Diante dessa nova realidade, estar conectado a redes sociais virtuais, não é mais aspecto de “nerds” ou “geeks”, são características de um novo modelo social. Vale a pena salientar que o importante é não ficar deslumbrado com todo o potencial que a tecnologia pode oferecer. Uma conversa através da webcam não substitui, ao meu ver, o afago do olho no olho, do calor e do abraço humano presencial.

Referências

ADORNO, Theodor W. HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Tradução de Guido de Almeida). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

ALBAGLI, Sarita; LASTRES, Helena. **Informação e globalização na era do conhecimento**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

BORELLI, Silvia Helena Simões. **Ação, suspense, emoção: literatura e cultura de massa no Brasil**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

BOYD, Danah M.; ELLISON, Nicole B. **Social Network Sites: Definition, History and Scholarship.** Journal of Computer – Mediated Communication, 2007.

DÁVILA, Sérgio. **Estudioso da web analisa "geração digital" que elegeu Obama.** Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124_u494508.shtml>. Acesso em: 15 jun. 2012.

FEDELI, Ricardo Daniel; PERES, Fernando Eduardo; POLLONI, Enrico Giulio Franco. **Introdução à Ciência da Computação.** 2. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

GASPAR, Cristina Fernandes. **Estudo das Redes Sociais no 2.º e 3.º ciclo do Ensino Básico. Tempo gasto pelos adolescentes portugueses na adesão às Redes Sociais. Quais os motivos dessa adesão?.** 2011. 113 p. Dissertação (Mestrado em Estatística e Gestão da Informação) Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

LE MOS, André. Cidade e mobilidade. Telefones celulares, funções pós - massivas e territórios informacionais. **Revista Matrizes**, n. 1, out. 2007.

LE MOS, André; CUNHA, Paulo. (Orgs). 2003. Olhares sobre a Cibercultura. Porto Alegre, Sulina, p. 11-23. Disponível em <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/cibercultura.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2012.

LÉVY, Pierre. O que é a virtualização. In: **O que é o virtual?** São Paulo: 34, 1996, p. 15-25.

MCQUAIL, Dennis. **Teorias de comunicação de massas.** Lisboa: Fundação Gulbenkian, 2003.

MELO JUNIOR, Cleuton Sampaio de. **Web 2.0 e Mashups: reinventando a internet.** Rio de Janeiro: Brasport, 2007.

PARK, Han Woo. THELWALL, Mike. Rede de Hiperlinks: estudo da estrutura social na internet. In: DUARTE, Fábio; QUANDT, Carlos; SOUZA, Queila (Org.). **O Tempo das Redes.** São Paulo: Perspectiva, 2008.

SPYER, Juliano. **Conectado: o que a internet fez com você e o que você pode fazer com ela.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

TELLES, André. **A revolução das mídias sociais: cases, conceitos, dicas e ferramentas.** 2. ed. São Paulo: M.Books do Brasil Editora Ltda, 2011.

_____. **Geração Digital: como planejar o seu marketing para a geração que pesquisa no Google, se relaciona no Orkut, manda mensagens pelo celular, opina em blogs, se comunica pelo MSN e assiste vídeos no YouTube.** São Paulo: Editora Landscape, 2009.

TOURAINÉ, Alain. A situação pós-social. In: **Após a crise.** Petrópolis: Vozes, 2011, p. 119-135.